

UM GRANDE AVENTUREIRO DOS MARES

JOSÉ AGOSTINHO DE SOUSA MENDES
Capitão-de-Mar-e-Guerra
Marinha Portuguesa

Gilles Hédois du Bocage, avô do nosso imortal poeta, nasceu em Cherburgo, em 10 de abril de 1658.

Filho de pais muito modestos, foi com alívio que estes o viram embarcar, apenas com 16 anos de idade, num navio corsário, armado pelo senhor de Tournalville.

Nasceu nesse mesmo dia, para a história do mar, uma curiosa figura de aventureiro e valente marinheiro.

Na sua primeira sortida nesse navio, cujo nome não conseguimos saber, armado de quatro canhões e seis pedreiros,¹ em cruzeiro na costa da Inglaterra, Hédois deu logo que falar.

1. Espécie de morteiro* que lançava projéteis.

O corsário acabara de tomar de assalto, na Baía de Santa Helena, um navio de Weymouth e duas barcas de Southampton, quando cruzou com o Brigue *Horatio*, da Jamaica, com carga de café, açúcar e cacau, que seguia para Londres, depois de ter arribado à Ilha de Roctren.

Com a tripulação enfraquecida pela necessidade de montar guardas aos navios apresados, o capitão do corsário decidiu prosseguir na rota para a França, perante a desolação de Bocage que via perder-se tão valiosa presa.

Propôs-se então assaltá-lo e tomá-lo, pedindo para isso apenas a ajuda de quatro companheiros. Esta proposta, apesar de louca, foi aceita. Quando a noite caiu, o jovem marinheiro e os quatro homens por ele escolhidos embarcaram num pequeno bote e, favorecidos pela escuridão

e pela agitação do mar, que por várias vezes pôs em perigo a embarcação, aproximaram-se do brigue e treparam para bordo. A tripulação ficou de tal modo estupefata que não opôs qualquer resistência, rendendo-se incondicionalmente os 14 homens de que se compunha.

Hédois regressou a Cherburgo, comandando orgulhoso a sua bela presa. Esta temerária façanha valeu-lhe a patente de segundo-tenente corsário.

Em 1679, a seguir à paz de Nimègue, foram abolidas as *cartas de corso*² e Hédois resolveu servir na Marinha Mercante, como capitão, até 1688.

A sua coragem valeu-lhe grandes favores por parte de D. João V, que tinha no seu valor uma confiança sem limites. Bem cedo o antigo marinheiro de Cherburgo recebia a patente de almirante.



“Plano da Baía e da Cidade do Rio de Janeiro ocupadas pela Esquadra comandada pelo Sr. Duguay-Trouin, e armada pelos particulares de Saint-Malo em 1711.” Reprodução fotográfica da gravura existente no Museu da Marinha Francesa, em Paris.

Em 1711, encontrando-se em comissão de serviço no Rio de Janeiro, uma poderosa Esquadra francesa, sob o comando do célebre corsário René Duguay-Trouin, forçou aquele porto e apoderou-se da cidade que o nosso Governador Francisco de Castro Morais se viu obrigado a abandonar com todas as tropas e habitantes.

Para se compreender melhor as causas deste ataque francês ao Rio de Janeiro, recordemos o que a este respeito escreveu Rocha Pombo: *“Em todos os séculos da história do Brasil houve uma questão com a França. Porém, no seu período colonial, não foram só os súditos do Cristianismo que tentaram várias vezes localizar-se nas terras de Santa Cruz, mas igualmente os holandeses e os ingleses, que viram nessas paragens ocidentais, que nós avaramente guardávamos, um apetecido tesouro. No entanto, foram de fato os franceses, entre os povos que ameaçaram o domínio, os mais insistentes em disputar, desde os primeiros tempos da colônia, a posse de algum pedaço da costa onde pudessem estabelecer um centro permanente e seguro para o comércio, cada vez mais importante, que faziam entre o Brasil e a Europa. O próprio Governo de Paris não dissimulou nunca o interesse que ligava a semelhantes intentos, quando protegia, mais ou menos francamente, expedições destinadas a tais conquistas.”*

Entre os assaltos organizados, de que o Brasil foi vítima por gente da França, deverão destacar-se, pela sua importância, os capitaneados por Nicolau Durand de Villegaignon, homem belicoso por natureza e por religião, por François Duclerc e, finalmente, pelo célebre Duguay-Trouin, que foi vingar a mal sucedida expedição deste último e o seu assassinio.

Portugal, que se tinha envolvido, como lhe competia, na Guerra da Sucessão de Espanha, ao lado da sua velha aliada Inglaterra, contra o poder que começava a ser desmesurado da França, veio a sofrer também, nas suas terras da América, os efeitos da atitude que tomara.

O momento era de fato propício para um ataque ao Brasil, pois não poderíamos ir socorrê-lo, a braços como estávamos com a citada Guerra da Sucessão. A

França escolheu como ponto de desembarque o Rio de Janeiro, que gozava da fama de cidade opulenta.

Porém, logo que recomeçaram as hostilidades com a Inglaterra e a Holanda, voltou ao curso, sendo-lhe confiado o comando de um navio com oito canhões e quarenta homens de tripulação.

Teve então uma série de êxitos, apreendendo, em menos de três meses, 14 navios.

Num combate travado ao norte de Casquets, o seu navio ficou raso como um pontão e, por não ter mastros, teve de empregar remos de galera para conseguir entrar em Cherburgo. Mesmo assim, trazia consigo uma presa valiosa — um *três mastros* inglês, que vinha de Sumatra, carregado de pimenta, cânfora e benjoim, valendo tudo cem mil libras.

Em novembro de 1692, Du Bocage fez-se ao mar, com oitenta homens, para uma sortida na costa inglesa, mas violenta tempestade impeliu o navio para os rochedos, nas proximidades de Poole, salvando-se quase toda a tripulação que conseguiu alcançar terra.

Pouco disposto a acabar os seus dias em prisões de Sua Majestade britânica, Hédois propôs aos seus companheiros que fossem para Poole, separadamente, a fim de não levantar suspeitas, e aí tentassem apossar-se de um navio para voltar à França.

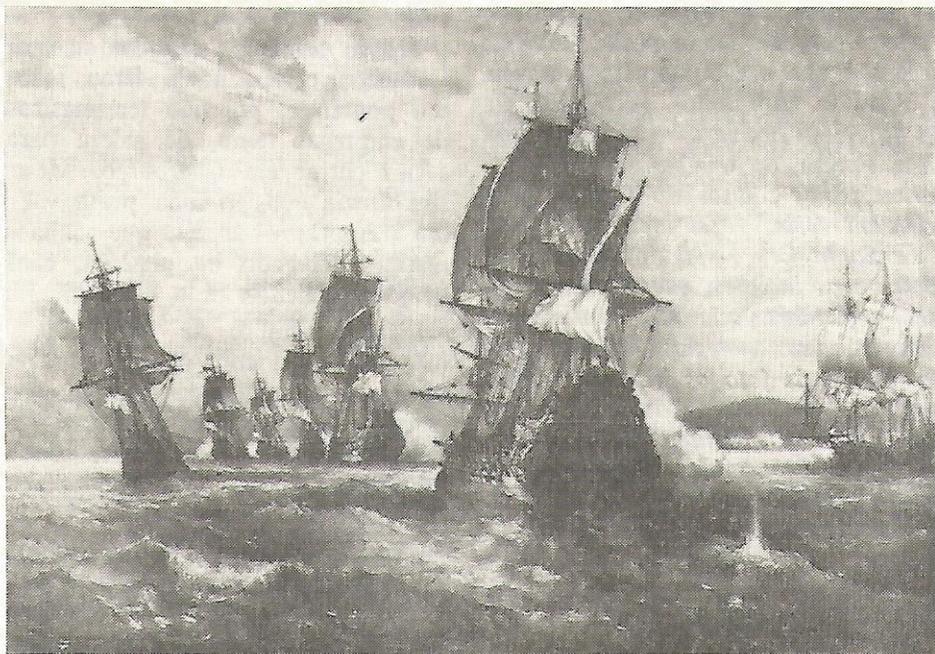
O mau tempo favoreceu singularmente esta empresa. Sem se tornarem notados, os naufragos conseguiram reunir-se no porto e assaltar um corsário de Portsmouth, que dois marinheiros embriagados guardavam. Em poucos instantes levantaram ferro e içaram as velas. Quando amanheceu, avistaram a costa francesa. Audacioso em extremo, Du Bocage resolveu não entrar em Cherburgo sem algumas presas e, quando fundeou, era seguido pelo Bri-gue inglês *Jenny-Bolk*, de Waterford, carregado de conservas salgadas e de couros, e por uma galeota de Bristol, carregada de vinhos.

Até 1702 prosseguiu nas suas empresas, por conta dos armadores de Cherburgo ou de Saint-Malo, sempre com igual êxito. Mas é nesse mesmo ano que para ele acaba o primeiro capítulo da sua vida de aventura.

Certo dia, trazia tantos despojos que foi forçado a fazer escala em Lisboa para os descarregar. Sozinho contra seis navios ingleses, havia conseguido afundar alguns e apresar os restantes.

Era já tão rico que, algum tempo antes, havia armado por sua conta uma fragata de vinte canhões, tripulada por 150

homens. A sua reputação chegara aos ouvidos do Rei de Portugal, D. João V, que mostrou desejos de o ver, resolvendo tomá-lo ao serviço da nação, oferecendo-lhe um lugar na nossa Marinha com a patente de capitão-de-mar-e-guerra, desde que se naturalizasse português. Du Bocage aceitou.



Cena do forçamento da Cidade do Rio de Janeiro pela esquadra de Duguay-Trouin. Reprodução de quadro a óleo existente no Museu da Marinha Francesa, em Paris.

Neste contexto é fácil de compreender que Duguay-Trouin se tenha apoderado do Rio de Janeiro, que acabou por ser resgatado por 610 mil cruzados em dinheiro, com caixas de açúcar e duzentos bois. No seu regresso à Europa, Duguay-Trouin, assaltado por tantos temporais, perdeu dois navios e grande parte da presa que fizera. Este corsário que tanto se notabilizara durante as guerras de Luís XIV, causando muitas perdas às Esquadras inglesa e holandesa, veio a morrer quase pobre. Deixou, porém, interessantes memórias — *Vie de Monsieur Du Guay-Trouin* — écrite de sa main — Paris — 1884 —, donde transcrevemos o que se refere a Hédois Du Bocage:

“Um chamado Du Bocage, natural da Normandia, que, em guerras precedentes, tinha comandado um ou dois corsários

franceses e se alistara depois ao serviço de Portugal; após a sua naturalização em Lisboa, chegou a comandar navios de guerra portugueses.

Quando chegamos ao Rio de Janeiro ele fez explodir um dos nossos navios, precisamente aquele que outrora comandara como corsário. Naquele porto encarregou-se da defesa das trincheiras e baterias dos Beneditinos e desempenhou tão bem a sua missão, utilizando com tal precisão os seus canhões, que muitos dos nossos navios foram severamente atingidos. Du Bocage, desejoso de salientar-se, faz-se passar por francês para captar a confiança do inimigo. Para não levantar suspeitas, imaginou então disfarçar-se de marinheiro, fardando-se com blusa e calças com pregas. Com tal disfarce fez-se escoltar por quatro soldados para a pri-

são, onde na situação de hospitalizados se encontravam alguns dos nossos corsários e sentinelas. Chegou a ser algemado como os outros e disse-lhes que era marinheiro das tripulações das fragatas de Saint-Malo e que, tendo fugido, havia sido surpreendido por uma emboscada. Du Bocage representou tão bem o seu papel, com tal dissimulação, que conseguiu obter dos prisioneiros informações de guerra de elevado interesse, que vieram a permitir aos portugueses algumas vantagens no desenvolvimento das operações ali realizadas.”

*

Ao serviço da nossa Armada, comandou com muita distinção a *Nau Nossa*

Senhora das Necessidades, com 500 homens de tripulação e 66 bocas de fogo, um dos nossos muitos navios que, em 1717, derrotaram os turcos na batalha do Cabo Matapan.

Em 1720, casou com D. Clara Francisca Lestof, filha de Leonard Lestof, cônsul holandês e rico proprietário em Setúbal. Deste casamento nasceram duas filhas. E foi a mais velha, D. Mariana Joaquina Xavier Lestof du Bocage, que foi mãe do poeta Manuel Maria Barbosa Hédóis du Bocage.

Assim, serviram na nossa Marinha dois Bocages, avô e neto, um almirante e outro guarda-marinha; um célebre no mar e outro célebre na poesia...



Cena do forçamento da Cidade do Rio de Janeiro pela esquadra de Duguay-Trouin. Reprodução de quadro a óleo existente no Museu da Marinha Francesa, em Paris.